A Outra "Súplica"

Manoel Albano Amora

Plutarco, biografo e moralista da Grécia Antiga, célebre pela autoria de duzentas e dez obras, mas sobretudo por haver escrito a que teve por título "Vidas Paralelas" e ficou conhecida como "Vidas de Homens Ilustres", não é, infelizmente, figura da história contemporanea, nem viveu no nosso País. Se houvesse coexistido com o Brasil do século XIX e habitado esta parte do mundo, teria se ocupado, com certeza, do Padre José Martiniano d'Alencar. A glória do ilustre cearense bem mereceu ser realçada pela pena de um grego.

Alencar, afirmou Paulino Nogueira, á imitação de Camões no "Os Lusíadas", em "Presidentes do Ceará", síntese dos nossos governos, era um verdadeiro estadista que sabia

Voar com o pensamento a toda parte
Advinhando perigos e evitando-os.

Imensos são os méritos do filho mais moço da heroína Da. Bárbara de Alencar. Lutou pela independência e liberdade do seu povo em 1817 e 1824, padeceu estoicamente em virtude do malogro das suas ideias, administrou com acerto a sua Província natal, chefiou o movimento em prol da antecipação da maioridade de D. Pedro II, medida de consequências altamente benéficas para a Nação, honrou durante dilatados anos uma poltrona na Camara Vitalícia, afirmou em todas as ocasiões patriotismo e espírito público e ocupou posição do máximo relevo no cenário político nacional.

Os heróis não são criaturas isentas de erros nem imunes da fúria dos detratores ou das críticas mordazes. Erros teve-os, decerto, o Padre Alencar. Quem não os comete? *Errare humanum est,* sentenciaram os romanos. Dentre outros escritores, combateu-o Pedro de Théberge, paciente investigador dos factos pretéritos, médico francês que prestou assinalados serviços á nossa terra.

Fortes ataques fez Théberge, com a paixão que o Barão de Studart

nele encontrou como traço característico, ao ardente partidário da Revolução Pernambucana e da Confederação do Equador. Foi então posta em evidência a célebre "Súplica", que Alencar escreveu na Vila da Barra, no Rio S. Francisco, em Janeiro de 1825, publicou em Ouro Preto e dirigiu ao Imperador D. Pedro I. O importante documento, prenhe de detalhes, contém um pedido de graça ao valoroso Príncipe. Ponderáveis elementos de convicção foram expendidos em seu favor pelo suplicante, que se esforçou em demonstrar haver sido envolvido pelos acontecimentos, não tendo podido fugir a atitudes que situações conturbadas lhe impuseram. Os atributos que exornavam a personalidade do peticionário não se anulam em consequência da longa exposição feita ao Soberano. A defesa era outrora um direito do cidadão e, nos dias presentes, constitui um dever.

A "Suplica" de 1825 pode ter suscitado algumas censuras ao seu autor por parte de historiadores e cronistas, porém não foi a única escrita pelo famoso sacerdote e político e endereçada a um alto representante do poder público. Em 1817, fracassando o golpe vibrado no Crato pelo então sub-diácono contra a dominação dos lusitanos, foram os insurretos, inclusive Alencar, D. Bárbara, Tristão Gonçalves e Padre Carlos José dos Santos conduzidos para a capital e depois enviados para as prisões da Baía. Na Cadeia do Crime, em Fortaleza, a justiça do Governador Tenente-general Manoel Inácio de Sampaio, 1° Visconde da Lançada, manifestou-se com rigor excessivo. Tristão pensou em fugir, como alívio a inenarráveis sofrimentos físicos e morais. Um apelo dirigido ao Padre Gonçalo Inácio de Loiola e Albuquerque Melo, o futuro Padre Mororó, secretário do governo, não surtiu efeito. Quando as algemas e masmorras martirizavam o destemido seminarista, sua veneranda mãe, seus irmãos e demais companheiros de infortúnio, escreveu ele, conforme diz Alípio Bandeira, Coronel do Exército e notável homem de letras, natural do Rio Grande do Norte, em "O Brasil Heróico em 1817," pag. 192, com remissão ao 12° volume da Devassa procedida para apuração dessa intentona:

"Ao Illmo. Exmo. Sr. Dr. Manoel Ignácio de Sampaio

SÚPLICA

Soneto

Basta já, ó tirana e cruel sorte
Tanto mal que me tens ocasionado
Da cara família o dano executado
Contra mim iminente o duro corte.

Em uma prisão fumassenta dura e forte
Já perdidos os bens, acabrunhado
Como trahidor ao Soberano reputado
Labéo que sinto mais que a mesma morte.

Basta sim, não me xegues a tanto maltratar.
Aparta de mim agora o vão terror
Deixa-me ao Benigno Gor. ir suplicar.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor
Compadecei-vos da minha sorte e do meu penar
Alliviai-me dos pesados ferros o rigor.

Do mais humilde sudito e creado
O Preso José Martiniano Pereira."

Foi inútil o apêlo ao austero mandatário real.

A maledicência, que não perdoa aos vivos nem aos mortos, mesmo áqueles que tanto exalçaram o nome da Pátria, há de ver nesse mal composto soneto uma prova de fraqueza ou versatilidade. Mas, quando tomou parte na revolução de 1817 e escreveu esses versos, era o futuro homem de Estado um jovem de vinte e dois anos. A quadra da mocidade é continuadora das irreflexões da infancia e adolecência. E, como que falando á posteridade, disse Alencar, virilmente, no Senado do Império, na sessão de 19 de Fevereiro de 1850, a propósito daqueles episódios:

"Senhores, devo declarar que não quero justificar-me desse passado, mas não o renego."

Livre das piores consequências do seu fracasso em 17 estava aquele que depois seria chamado o *Predilecto do Ceará,* apto a exercer um mandato junto ás Cortes Portuguesas e a penetrar nos paços da Monarquia Brasileira, desempenhando o seu papel, que foi brilhante e memorável.